

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP



Nº 162 - ANO XXVII - JULHO / AGOSTO - 2019

Ut omnes unum sint

NÃO PERCA O XIV ENCONTRO



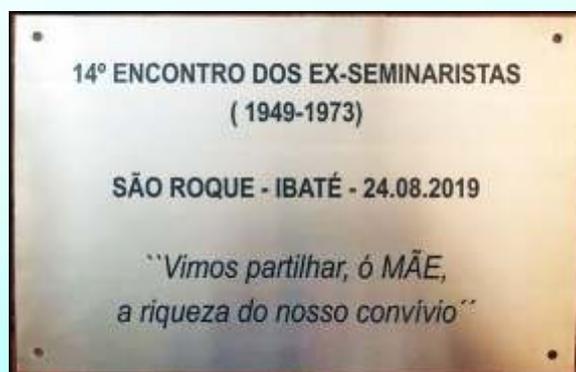
SÁBADO
DIA 24
DE AGOSTO

VAMOS COMEMORAR
70 ANOS DO IBATÉ

Faça sua adesão agora!

Acesse o link:

<http://fwabaco.dyndns.org/echus>



Amigos, daqui a poucos dias estaremos juntos à sombra do nosso Seminário do Ibaté, unidos num só coração e numa só alma, para celebrar a PARTILHA e elevar o nosso hino de gratidão ao Deus de nossa juventude, sob as bênçãos e o olhar da Mãe Imaculada. Este ECHUS é o ato de convocação para o dia 24 de agosto. Será um dia inesquecível. "VINDE E VEDE". Esperamos você e seus familiares lá!

Hospedagem

Caso o colega, com seus familiares, que for ao nosso XIV Encontro no dia 24 de agosto, queira pernoitar no Seminário do Ibaté da sexta para o sábado e/ou do sábado para o domingo, deverá providenciar a reserva com a SRA.KERLA (11) 97354.8975, emails ibate60@gmail.com. Lembramos que em caso afirmativo o interessado deve levar roupa de cama, banho, travesseiro e cobertor. Maiores informações no telefone acima.

Existe, também, a opção para quem quiser ficar em hotel na cidade de São Roque:

- São Roque Parque Hotel Tel.(11) 4712.3121 www.srparkhotel.com.br
- Hotel Cordialle Tel.(11) 4784.9500 www.hotelcordialle.com.br
- Hotel Villa Maior Tel.(11) 4713.1015 www.hotelvillamaior.com.br



Kolynos

Édson Depólito*



Por telefone, parabenido Antônio Carlos (Careca), colega do Ibaté, em 13 de junho, dia de Santo Antônio, e de imediato me lembro de meu pai, também com o mesmo nome do santo. Saudade, saudade! Sempre nos ligamos quando de nossos aniversários, também em outros momentos da vida; é dessa forma que cultivamos nossa amizade, que começou há décadas e décadas atrás. Com liberdade total, conversamos sobre tudo o que vem a nosso espírito, sobre o estado atual da política no país, sobre a saúde de Walter Barelli e as cartas de sua filha querida, a triste partida de José Anchieta, nossas famílias, e é impossível não nos lembrarmos de nossos velhos tempos do Ibaté e das tantas e animadoras histórias. O que muito me sensibilizou agora foi receber dele o convite para participar da nova coluna do Echus, "Quem souber, que conte outra", um espaço aberto a todos os membros e familiares dessa Turma do Ibaté, em que podemos contar de tudo; uma janela aberta. E ele acertou! Tenho, sim, muitas histórias, e posso contá-las a quem quer que seja. Fazem parte de minha vida e de minha formação: as experiências que tive em minha tão curta passagem por São Roque latejam dentro de mim e tenho certeza que isso acontece com muitos, ou talvez com todos que cruzaram aquela casa - tenham sido elas agradáveis ou não.

Sei que agora no mês de agosto acontecerá mais um Encontro. Ano ímpar é assim: Ibaté. Eu quero ir. Eu vou. O dia está chegando e gostaria que estivessem presentes muitos colegas. Deles todos, só tenho boas lembranças. O momento é sempre muito especial; saímos de lá mais espiritualizados e também banhados de saudosismo por vermos tantos amigos, com o coração mole e muito emocionados, com boas lembranças de inestimável memória. E nada mais agradável do que poder ver e sentir aquele verde todo ao redor do Seminário, assistir ao descerramento da placa, aquelas escadas. O refeitório. Os dormitórios. As catacumbas. O campão e a plebe. O pátio. A gruta. A capela... e o aroma inebriante daquele ar de devoção que nos envolve a todos. O coral, o cerimonial da missa e uma emoção tomando conta da gente. Isso faz um bem danado e seu significado só pode ser completamente apreendido por alguém que esteve por lá, em qualquer tempo... há mais de meio século atrás!

Nossa conversa ao telefone a cada instante vai sendo minada por doces lembranças das tantas presepadas e "artes não marciais" que praticávamos, por exemplo, ao burlarmos algumas regras rígidas. Cabular aulas era muito difícil; um ato heroico. Havia matérias não muito agradáveis, cujas aulas bem mereciam se matadas, como por exemplo as de Matemática, com a Padra, o Padre José Seskevicius, gigante lituano salvo da guerra, do qual eu tinha verdadeira aversão. Talvez isso acontecesse devido a minhas dificuldades pessoais com a aritmética desde o pré-primário - não sei -, ou mesmo pela rispidez com que fora eu tratado, "tão carinhosamente". Não apenas de mim, mas várias vezes o assistíamos, literalmente, aos berros, arrancar os cabelos do aluno com as mãos e as unhas e, em seguida despejá-los no cesto de lixo do Estudão. Inúmeras são as testemunhas... Várias vezes ele fez isso, com tantos, como se fosse algo natural e esperado de um mestre, seguindo as regras de sua didática nazista. Ele era horrível! Sou um sobrevivente. (kkkkk)

Ao amanhecer do dia, pelas cinco da matina, o prefeito ou o padre ministro acordava a galera com a sineta. O dia começava com oração, banheiro, fila, ginástica, capela, café, recreio, estudo e aula. Contudo, nos dias muito frios, ali pelos 7 graus, e ainda com a obrigação de ter que ir para certas aulas, tínhamos que escapar daquilo de alguma maneira. Tantas foram as vezes em que colocávamos o peito no chão gelado do banheiro, para ganhar uma tosse, um resfriadinho que fosse, um porre de espirros e assim conseguíamos ficar um pouco mais na cama e em seguida receber melhores cuidados, indo para uma enfermaria, quando o rango virava coisa fina, com café da manhã mais caprichado, lanches bacanas e refeições muito saborosas e etcétera e tal. Era muito bom! Mas tudo devia ser feito com certo credo, ou seja, ao medir a temperatura, o termômetro tinha que acusar febre de verdade - aí se recebia o tratamento, com "melhoral infantil" ou algum xarope especial. Para receber esses cuidados, era necessário passar pasta de dente nas axilas. Aí sim a marcação era de 39 graus ou mais. Lembro-me

que em certo dia, molhei bem um par de meias. Passava-o na testa para que parecesse suor. Suor de estado febril. Isso colou por apenas duas ou três vezes, pois tudo começou a se complicar: esse golpe foi descoberto por vários padres. Foi assim que meus dias de seminarista chegaram ao fim, com aquele famoso convite para ir embora - com a justa alegação a meus pais de que eu era um menino muito bom, muito criativo, mas que estava "contribuindo para estragar a vocação dos outros coleguinhas".

Que momentos adoráveis pudemos passar! Que vida boa tivemos ali! Muito obrigado, meu Deus, pelos dias maravilhosos que desfrutamos no SMMICM.

Viva Santo Antonio! Outro dia conto mais! Tenho algumas histórias outras pra lembrar, que a qualquer momento vão aflorar.

ÉDSON DEPÓLITO (GRIL0-nº.40), 67, 1963/64 - É advogado em São Bernardo do Campo-SP, *expertise* em Logística - (11) 99975.3222 depolitoed@iq.com.br

MUDANÇAS

Mudei para a Cantareira, lá no alto Mairiporã,
Depois de viver vida inteira nos baixos do meu Guancã.
Escolhi um lugar pitoresco, com árvores, ar puro e sossego
Sai do ambiente dantesco e da paisagem nova fui pego.
Vi-a livre da fuligem, do barulho, sufoco e calor
Rezei a Deus e à Virgem, implorei pra sair do torpor.



Quase morri de vertigem,
quando recebi o favor.
Mudei-me, fui para a serra,
curtir ar puro da terra.
Mas a rua, então sossegada,
de ladeira, paz e bom horto
Virou uma via aloprada e tirou
de mim o conforto.
Transitam aí carros, vans,
caminhão, moto com
escapamento furado
Movidos a óleo e à explosão,
em barulho endiabrado.

O fadado progresso chegou e com o meu Éden acabou.
Quero fugir pro deserto e sossegar meu coração
Que tem batimento incerto, ora diz sim, ora diz não.
E por mais que eu ainda queira, sem tomar qual decisão
Ficar na serra da Cantareira, sem prejudicar meu pulmão
Com gases tóxicos e fumaça do progresso na contra mão
Que a todos aqui ameaça, devo sonhar com outro chão.
Vou buscar ainda a beira de córrego, rio, ribeirão
Sem cometer mais asneira em uma nova decisão
Nem sempre muito certa, pois vivo em gran confusão.
Meu Deus do céu, protegei-me, dai-me sua bênção, sua mão.
E ó deusa dos bosques, valei-me e pregai meus pés nesse chão.
Quero dessa Cantareira contemplar, à noite, os astros
E a flor roxa da quaresmeira, e da terra, seus tons de alabastro,
Ver a luz da estrela primeira e deixar minha marca no rastro



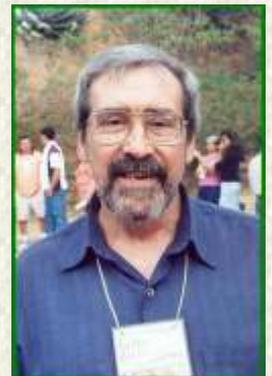
Valdevino Soares de Oliveira, 59/63



Reapresentamos um texto do querido e saudoso ibateano Andrietta (in memoriam) publicado no Echus do Ibaté no. 14, de jan-fev de 1997

Êta, bandinha furiosa!

Antônio Joaquim Andrietta, 55/57



Nas cálidas e doces recordações que os números do Informativo me trazem dos anos passados no Ibaté, não me lembro de ter visto lembranças da nossa Banda Musical, a famigerada "Furiosa". Mas, de muitas coisas boas que sempre guardei, carinhosamente aconchegadas no recôndito de minh'alma (Gostou, Kiro? Atenção, Cláudio Giordano, um beletista inédito aguarda um editor...), certamente, a nossa Banda é uma das melhores e mais gratas.

Minha irmã, ciosa herdeira dos guardados de meus pais, não larga de jeito nenhum uma foto, talvez a única que temos de meus tempos no Ibaté. E é, exatamente, a da Banda, uniformizada e em formação com os instrumentos, posada na escadaria da fachada do Seminário. Era o orgulho de meu pai, primeiro trombone da famosa Banda Sinfônica Italiana de Salto, nas décadas de 30 e 40, regida por maestros contratados em Milão.



BANDA SANTA CECÍLIA (FURIOSA) SÃO ROQUE
Acervo de Joel Hirenaldo Barbieri

Vejo-me naquela foto, orgulho meu também, não pela parca musicalidade que emprestei com minha clarineta, mas pela distinção de fazer parte dela com verdadeiros músicos e instrumentistas. Pe. Exedito, pistonista só igualado pelo sopro do Holien Bezerra. Pe. Waldemar Conceição, um bombardino forte e poderoso. Os trauteios do José Lui, clarinetista que invejei até quase à morte. A tuba reconfortante e precisa do saudoso Hélcio Quaglio. Os repiques insuperáveis da caixinha do Vó (Luiz Pedro de Araújo). E o resto da turma, competente e dedicada, de que lembro alguns nomes:

Nelcindo Mosca, Marcos Guerra, Darcy Cargnelutti, Otto Dana, Armando Barizon, Antônio Milan, Clóvis Barone, Joel Barbieri.

A Banda ensaiava com afinco, sob a batuta do Pe. Exedito: eram marchas, dobrados, hinos, que abrilhantavam as festas internas do Seminário, e às vezes até na cidade de São Roque. Quando o Cardeal Motta nos visitava, a Banda "atacava" assim que seu lustroso automóvel adentrava o portão e começava a subir

a longa rampa. Acredito, sinceramente, até agora, que a música agradava tanto o Prelado, que só assim conseguíamos dele um feriado extra...

Porém, em todos os anos, o clímax das atividades da Banda ocorria na festa do Seminário em setembro. E aqui, a contribuição máxima provinha de uma figura inesquecível: o Maestro Juquinha (*). Era um músico excepcional, autodidata, e da velha guarda. Uma lenda viva: dizia-se que tinha mais de 90 anos, nunca comprovados nem desmentidos; que era mestiço, filho de uma escrava, o que aparentava, mas não desdizia nem confirmava. Mas sabia tudo de música: composição, regência e execução: nada para ele era segredo. Surdo com carteirinha de sócio remido, tinha ouvido apuradíssimo para a mais leve nota dissonante no meio de um barulhento ensaio. De uma paciência a toda prova e uma dedicação extrema, instalava-se no Seminário um mês antes da festa, e sua única preocupação era ensaiar a Banda. Preparava as partituras com carinho, escrevendo as frases musicais de cada instrumento com caligrafia impecável, diretamente, à tinta, sem um borrão sequer.

Regia com suavidade e firmeza, corrigia erros de maneira que o músico se sentia no dever de acertar, apenas para agradá-lo. E as peças de sua lavra não eram fáceis: sinfonias adaptadas de óperas famosas, dobrados e marchas de sua própria autoria. Lembro-me que compôs, no Seminário, duas peças especialmente dedicadas a ele, uma chamada *Ibaté* e outra, *Saboó*. Será que ainda estão guardadas em algum lugar as partituras da Banda, e as preciosas composições do Maestro Juquinha?

Muitos remanescentes da Banda estão "em lugar certo e sabido", pois constam da Relação Geral de Ex-alunos e Professores. Que tal reuni-los, com os respectivos instrumentos, no III Encontro, em 1997, e fazer ressoar novamente pelas colinas do Ibaté os sonoros, saudosos e revigorantes acordes da inesquecível "Furiosa"?!? Não nos preocupemos com os inevitáveis desafinos: lá do Alto, com certeza, o Maestro Juquinha nos ouvirá, e compreenderá que tocaremos em sua homenagem, em louvor do Senhor e de Sua Augusta Senhora, que ele aqui homenageou com sua música, e reataremos mais um elo da imorredoura fraternidade que nos uniu um dia, e que ainda mantemos avivada.

(*) JOSÉ CORREA DA SILVA – MAESTRO JUQUINHA OU JUCA BOLINHA – pessoa extremamente alegre e de grande capacidade musical, dirigia competentemente nossa banda "Santa Cecília" do seminário de São Roque – prestou serviços durante muitos anos no seminário de Pirapora com a banda de mesmo nome, "Santa Cecília" conhecida como "furiosa", abrilhantando tantas festas e outros eventos – é avô de nosso colega Luiz Alberto Correa da Silva (51/57), o *delegado* - falecido em 22.09.1964, próximo aos 100 anos.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Ariovaldo Mantovani (64/66) - Caríssimo amigo Wilson Mosca. Boa noite. Agradeço muito por sua atenção no envio do convite e da ficha de atualização cadastral. Por questões de saúde, estarei impossibilitado de comparecer a esse importante evento. Espero numa próxima edição estar bem e totalmente liberado para poder desfrutar de tantas e importantes amizades construídas por ocasião de nossa convivência nesse pedacinho do céu na terra que é o nosso muito amado Seminário Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria. Tenho esperança de ainda rever nossos queridos seminaristas. Um abraço fraterno a você, caro amigo e a todos os caríssimos continuadores dessa tão importante obra de agregar mais e mais todos os ex-alunos e familiares do nosso Seminário. Paz e Bem. 25.06.2019 Guarulhos-SP amantovani.it@hotmail.com

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Edson Frade foi meu colega de sala, 2º ano de ginásio e companheiro na Divisão de São Luiz Gonzaga, ano letivo de 1960. Grande alegria se pudesse participar da celebração dos seus 40 anos de sacerdócio. Mas, a distância que me separa de São Paulo não me permite satisfazer esse desejo. Se Deus quiser, abraçarei o prezado colega no XIV Encontro lá em São Roque. 01.07.2019 Salvador-BA jramalho47@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489



Estamos em 2019. Há setenta anos, em 1949, eu estava dando um passo, para mim, da maior importância, que repercutiu e, até hoje, ainda repercute em minha vida. Já contei, mais de uma vez, que, ao nascer, no dia de São Francisco, em 1937, minha mãe, ao saber que dera à luz um menino, logo pensou: “Este vai ser padre!” Foi ela quem contou isto, por escrito, no livro “Meu Bebê”, em que registrou minha história dos primórdios da vida. Já não tenho mais esse álbum, que guardei por muitos anos, mas sei, perfeitamente, o quanto esse desejo de minha genitora foi decisivo para definir o meu destino.

Em 1949, quando eu estava dando aquele passo importante que poderia concretizar a aspiração de minha genitora e resolvi que iria para um seminário, na verdade, fui fundar, com outros 124 colegas, o Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque.

Não foi a primeira vez que eu entrei em um seminário. Antes, tinha ido, a convite de um tio meu, Roque Petroni Junior, com meus pais, ao Seminário do Verbo Divino, perto de Santo Amaro, assistir encenação teatral dos alunos daquela casa de formação levítica sobre Nabucodonosor. Tio Roque tinha um filho seminarista, naquela ordem do Verbo Divino, e, como figura importante do bairro do Brooklin Paulista, do qual era pioneiro, mantinha amizade estreita com os padres daquele convento, daí ter recebido o convite que estendeu a nós. Hoje, fiquei sabendo que Nabucodonosor II também era chamado Nebucadrezar. Informação que encontrei na Wikipédia esclarece que, na ortografia babilônica, se diria Nabu-kudur-uzur, cujo significado seria: “Nebo, proteja a coroa!” ou “Nebo, proteja as fronteiras!” Ele gostava de se chamar Nebo e foi filho de Nabopolassar, o rei da Babilônia que libertou os caldeus do reino da Assíria e destruiu Nínive. Nabuco, que foi o rei mais poderoso da Babilônia, se dizia o favorito de seu pai Nabo.

Às vezes, ao me deparar, com facilidade, com informações como essas, obtidas na internet, fico imaginando como teria sido a vida no Ibaté, se lá, em 1949 e anos 50, houvesse uma Wikipédia disponível ou, ao menos, um PC. O que diria Amstálden se, nas filas das andanças pelos corredores do casarão, em vez de tricotar terços, seus pupilos estivessem, cada um, com sua “maquininha”, libertando-se, assim, dos efeitos da clausura quase monástica em que vivíamos? O destino sabe o que dispõe e incita: nenhum regime tridentino, como o de nosso seminário, resistiria ao poder de um smartphone. Mas, o assunto, aqui, é o meu destino.

Fui para São Roque (no meu tempo pouco se falava em Ibaté) e, lá, o que aprendi? O canto maior do Nabuco, de Verdi. Meu destino não era ser padre. Mas, aprendi a cantar o Hino dos Hebreus que, na unificação italiana, quase virou hino nacional dos povos da península:

“VA PENSIERO SULL’ALI DORATE” – Acordávamos muito cedo. Íamos para a capela, onde o Padre Paschoal (geralmente era ele)

procurava nos envolver em piedosas meditações, antes da missa. “VA, TI POSA SUI CLIVI, SUI COLLI” – A primitiva capela de nosso seminário tinha aquelas janelas de venezianas verdes do andar superior do prédio. Ficavam abertas, deixando que o frescor da manhã invadisse o sacro recinto das orações. Enquanto o “Padre Espiritual” se esforçava em manter desperta minha ainda sonolenta atenção, meu pensamento voava para além da colina que eu ficava contemplando, imaginando que asas douradas poderiam me transportar e me levar até o meu saudoso bairro da Bela Vista, em São Paulo, onde, naquela hora, minhas irmãs e meus amigos estariam se aprontando para irem à escola, para viverem aquela vidinha gostosa de que eu estava tão distante e tão saudoso.

Não havia, ainda, o som dos celulares, verdadeiros rivais da “ARPA D’OR”, que estava “MUTA”. Nesse tempo, não podíamos nem pedir para usar o precário telefone fixo do prédio. Vivíamos isolados do mundo. Cartas, somente a cada quinze dias, mesmo assim, quase que exclusivamente para os pais. Hoje, basta encostar um dedo na telinha, calcar um app, buscar numa lista o telefone desejado e, se quisermos, aparece a foto da pessoa que estamos chamando. Também ouvir a voz e ver a imagem de quem estamos contatando é possível e é fácil. Naquele tempo, somente “le memorie nel petto” iam sempre renascendo. Na capela, contemplando a nossa colina, eu

imaginava meus amigos brincando no meio da rua, e m p i n a n d o papagaio (pipa), postados, como eu ficava, no cruzamento da Rua Frei Caneca com a Rua Peixoto Gomide, sem nem ter que me preocupar com o trânsito intenso, que não havia. A saudade em meu peito crescia. Um dia, eu fui embora do seminário. Não

era aquele o meu caminho. Fui buscar a doce fragrância do solo natal. Mas, ficou a saudade que, hoje, é a saudade “del tempo che fu”.

O tempo passou. Muitos anos decorreram. Até que, um dia, o Fierro telefonou: “-Toschi, sou eu, o Fierro”. Num primeiro momento, surpreendido pelo inesperado telefonema, eu não quis atender ao chamado que estava recebendo, para ingressar na Turma do Ibaté. Depois, soou em meu ouvido: “O mia pátria, si bella e perduta”. Corri procurar os meus irmãos. Não podia ser em outro local: no “Circolo Italiano”, refúgio paulistano dos filhos da terra de Verdi. E o primeiro que vi, ainda de dentro do meu carro, foi o Barbieri, atravessando a rua, a caminho do Boi na Brasa. E, quando me coloquei na calçada do Edifício Itália, esperando encontrar alguém, de repente, de uma rodinha, se destacou e veio em minha direção ninguém mais que meu inesquecível companheiro de classe, o Attilio. Foi uma festa para o meu coração. Um emocionante reencontro de tantos queridos colegas, cujo ápice se deu quando, reunidos no bar do Circolo Italiano, todos cantamos o “Va Pensiero”.

Somente quem, na adolescência, se refugiou sob o manto da Santa Mãe de Deus, é capaz de entender porque, quando nos encontramos, a única música que gostamos de cantar, depois de rezar o Sub Tuum Praesidium, é o “Va Pensiero”.

(*) Paulo Francisco Toschi, 81 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

Walter Barelli:

a economia do ponto de vista do trabalhador e ‘vários tijolos’ na agenda nacional

Diretor-técnico do Dieese durante 22 anos e ex-ministro do Trabalho, economista morreu ontem à noite. Completaria 81 anos na semana que vem.

São Paulo - “Muita coisa que aconteceu na Constituição do Brasil foi por causa do Dieese. Nós conseguimos colocar muita coisa na agenda política nacional. Então é possível a um órgão pequeno colocar seu tijolinho em uma grande construção. Eu acho que o Dieese não colocou um, colocou vários tijolos.”



Militante do movimento estudantil, bancário, corintiano, economista, ministro e secretário do Trabalho, deputado e professor, Barelli deixa legado e história no sindicalismo

As observações acima, do economista Walter Barelli, foram dadas para um projeto denominado Memória Dieese, instituto de pesquisa e estudos criado em 1955, para contestar as estatísticas oficiais, e que ele conheceu como poucos, com uma trajetória de 25 anos, de 1965 a 1990, sendo 22 como diretor-técnico. Filho de um mecânico de manutenção e de uma tecelã, militante na universidade, bancário, corintiano, economista, ministro e secretário do Trabalho, deputado federal e professor, ele morreu na noite de ontem (18), uma semana antes de completar 81 anos. Estava internado havia três meses, em decorrência de uma queda durante evento em São Paulo. Viúvo, deixa três filhos (Suzana, Paulo e Pedro).

Barelli pensou em estudar Administração, mas o salário de funcionário do Banco do Brasil não era suficiente para pagar a mensalidade. Prestou vestibular e foi um dos primeiros, entrando na Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (USP). Formou-se em 1964 e não teve formatura, por causa do golpe. Nesse período, militou na Juventude Universitária Católica (JUC), que ajudou nas suas reflexões sobre os problemas brasileiros. Passaria também pela Ação Popular.

DITADURA E INFLAÇÃO - O economista entrou no Dieese em um período de perseguição ao movimento sindical, que sustentava o instituto, desativado em um primeiro momento e rearticulado aos poucos, sem deixar de sofrer tentativas de fechamento por falta de recursos. Mas resistiu e ganhou notoriedade externa em 1977, depois que um relatório do Banco Mundial mostrou manipulação nos dados oficiais de inflação no Brasil em 1973 - a estimativa mais próxima da realidade era a do Dieese. Nesse período, em 1975, o Dieese lançou um estudo chamado 10 Anos de Política Salarial, sobre o período autoritário. Os autores foram Barelli e o também economista Cesar Conconne.

O episódio das perdas inflacionárias de 1973 deu impulso às campanhas salariais a partir de 1977 e 1978 - um dos que telefonaram a Barelli querendo informações foi o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (atual sindicato do ABC), Luiz Inácio da Silva, o Lula. A descoberta do “erro” na inflação oficial irritou o ministro da Fazenda em 1973, Delfim Netto, que atacou o Dieese e, em resposta, foi chamado de “lobo que perde o pelo”.

Barelli chegou a ser preso em 1979, primeiro ano do governo João Figueiredo, o último dos presidentes-generais. Em um dia de visita de Figueiredo a São Paulo, para tentar garantir que não houvesse protestos, os órgãos de segurança passaram a “recolher” pessoas. Barelli passeava perto de casa de bicicleta, sem camisa, quando foi levado para o Dops. Foi liberado no início da tarde, e disseram que havia sido um “lamentável engano”.

PELO CONTRATO COLETIVO - O economista deixou o Dieese no início de 1990. Foi dar aulas na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ao mesmo tempo, colaborou, durante quase dois anos, como coordenador da área econômica do chamado “governo paralelo” criado por Lula após as eleições presidenciais de 1989, quando perdeu no segundo turno para Fernando Collor. Em 1992, veio o impeachment e assumiu o vice, Itamar Franco, que levou Barelli para o Ministério do Trabalho. Ali, até 1994, ele fez uma verdadeira cruzada pelo país, visitando entidades de trabalhadores e patronais, em defesa do contrato coletivo de trabalho, um esforço para tentar modernizar as relações capital-trabalho no Brasil, uma de suas bandeiras. Também teve divergências com o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, por querer mais participação de sua pasta na formulação do Plano Real.

Em São Paulo, foi por duas gestões secretário estadual de Emprego e Relações do Trabalho, de 1995 a 2002, nos governos de Mário Covas, que morreu em 2001 e foi substituído pelo vice, Geraldo Alckmin. Também exerceu parcialmente mandato de deputado federal, entre 2005 e 2007, pelo PSDB, cuja filiação manteve.

À frente do Dieese, acostumou-se a confrontar, tecnicamente, as autoridades de plantão e os adversários do movimento sindical. Durante a eleição de 1989, um porta-voz da candidatura Collor encrespou-se com o instituto. Barelli reagiu afirmando que os sindicatos nunca pediram que houvesse manipulação de dados e acrescentou: “A classe operária é muito mais digna que os governantes”.

O atual diretor-técnico do Dieese, Clemente Ganz Lúcio, prestou homenagem a Barelli. “A competência na condução dos trabalhos, a combatividade, o espírito agregador e a habilidade política foram fundamentais para a consolidação do Dieese como órgão de assessoria e pesquisa, com reconhecimento em toda a sociedade, e pela contribuição expressiva da instituição no fortalecimento dos sindicatos em plena ditadura militar”, afirmou em rede social. “Os funcionários do Dieese lamentam profundamente a perda e, como não poderia deixar de ser, seguem carregando as bandeiras defendidas por Barelli durante a vida toda: o fim da desigualdade, a distribuição da renda e o emprego de qualidade.”

REDE BRASIL ATUAL

Publicado por Redação RBA 19/07/2019 08:19

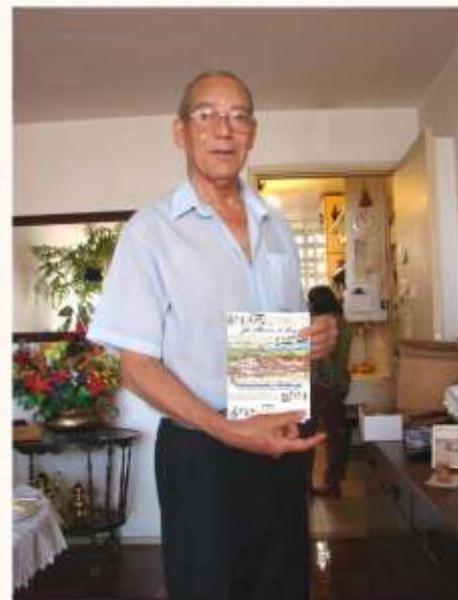
COMUNICAÇÃO E MUDANÇA a decadência do lazer tradicional Diamante nº 1

JOSÉ MOREIRA DE SOUZA, amigo ibateano, filho do Sr. Raimundo Moreira de Souza, garimpeiro de diamantes em Minas Gerais, tão logo tenha se graduado em Ciências Sociais, aos 27 anos de idade, entranhou-se no solo mineiro, tornando-se também garimpeiro de outro tipo de pedra preciosa, o diamante cultural que leva o nome de Música. O quartel-general de suas andanças é a cidade de Diamantina, a “Cidade Colonial dos Diamantes”, arrodado por mais outros 15 municípios que formaram, ainda no século XVIII, o circuito do diamante. Boa parte de sua população vivia da renda de aluguel de seus escravos, sobrando-lhes portanto muito tempo livre, o que largamente lhe permitia o desenvolvimento do processo criativo voltado à composição e execução de peças musicais, o que serviu de grande estímulo à formação de orquestras, bandas e corais e o conseqüente surgimento de compositores, maestros e professores de música. Com bastante habilidade, o jovem sociólogo organiza sua pesquisa, que abrange os séculos XVIII ao século XX, elaborando questionários, buscando arquivos, entrevistas, visitas a igrejas, maestros e compositores, culminando na coleta de muito mais de 1200 partituras de um surpreendente tesouro abandonado no tempo. Suas conclusões, que encerram causas e conseqüências das diferentes fases do desenvolvimento musical, o crescimento, o auge e o decadência, destacam a responsabilidade por parte da Comunicação - sua existência ou sua falta - nos processos de mudanças. Daí o título dessa obra, que, após 50 anos de edificação, vem agora pela primeira vez a público enriquecer a alma dos amantes da música e contribuir de maneira substancial aos institutos de patrimônio histórico, escolas e conservatórios musicais.

O lançamento está previsto para o dia 03 de agosto próximo no auditório do “Conservatório Mineiro de Música” em Belo Horizonte.

O Professor Moreira, incansável colaborador desse nosso jornal, estudou no Ibaté de 1955 a 1959, tendo tido a honra de ser aluno do folclórico Monsenhor João Bueno Gonçalves, que lhe trouxe muita inspiração para a vida. Ele é mineiro de Gouveia. E cursou Filosofia no Seminário Central Filosófico “Nossa Senhora Aparecida” na cidade de Aparecida. Graduou-se em Ciências Sociais na FAFICH UFMG e sua pós-graduação foi em Psicologia, pelo Centro Universitário Newton Paiva onde atuou como professor de Sociologia e Metodologia da Pesquisa, tornando-se Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação. Seu mestrado foi em Sociologia Urbana pela FAFICH UFMG, onde também atuou como professor do Departamento de Ciências Sociais. Pesquisador do Centro de Estudos Mineiros e da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro. Foi o Presidente da Comissão Mineira de Folclore, de 2012 a 2018. Sua obra Cidade, momentos e processos, recebeu prêmio ANPOCS e, em 2017, a medalha Mário de Andrade, do Patrimônio histórico e Artístico Nacional.

O amigo ibateano poderá adquirir essa rica obra para si mesmo ou para presentear os amigos diretamente (R\$ 60,00 + frete) com a Editoria da Comissão Mineira de Folclore. Basta acessar o www.pedradesantana.com.br



DIAMANTINO, PROFESSOR & ESCRITOR

Diamante nº 2

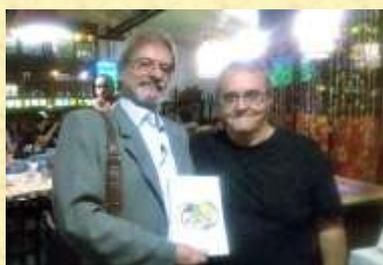
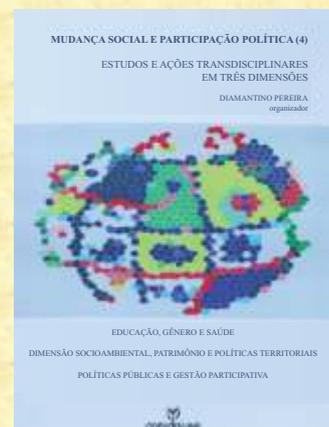


Oswaldo Sangiorgi... quem não consegue identificá-lo como o autor de inúmeros livros de Matemática precisa comer mais peixes, abacate, azeitonas, espinafre, brócolis e várias outras hortaliças - faz bem para a memória! No Ibaté, anterior a ele, eram livros da Coleção FTD (aritmética), mas o professor Sangiorgi parece ter sido considerado mais atual e de melhor didática. Seu nome, mais do que nenhum outro, está diretamente associado à introdução do ensino da Matemática Moderna no Brasil. E quanto aos estudos de Geografia, *in illo tempore*, costumavam também ser da Coleção FTD, irmãos Maristas, e nós, alunos do Pe. Tarcísio Geraldo da Silva ou do Prof. Carlos Roberto de Arruda... O tempo passou... Para nossos filhos, sobrinhos e netos, ela era estudada pelos livros de autoria do Professor **Diamantino Pereira**, ilustríssimo ibateano (62/64), para nossa honra. Adotados pelo ensino oficial, eram o "Geografia" para os alunos da primeira à oitava série durante anos seguidos.

Reconhecido também no universo acadêmico como grande pesquisador, Diamantino - Mestre em Geografia Humana, Doutor em Ciências Sociais - escreveu quantidade expressiva de livros. Além de sua produção escolar, envolveu-se em

profundeza com relações cidade-campo, geografia econômica, produção industrial e agrícola, agricultura urbana e análise espacial. Lecionou durante anos na Puc-SP e nos dias atuais é professor do curso de Gesto Ambiental na Universidade de São Paulo.

Tivemos o prazer de comparecer ao lançamento de seu último livro, como organizador e participante, "Mudança Social e Participação Política 4 - Estudos e ações transdisciplinares em três dimensões", vinculado que está ao Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP), da EACH/USP. Nesse trabalho, são pensados três temas de real importância, como Educação, gênero e saúde, a Dimensão Socioambiental, patrimônio e Políticas Territoriais e por último, Políticas Públicas e Gestão Participativa. São textos acadêmicos de professores e pesquisadores - Diamantino é um deles - que abordam problemas nas sociedades complexas, de âmbito inovador e plural, enraizado em referenciais teóricos diversificados com temas desafiadores neste mundo em rápida transformação. Verdadeiro convite para melhor compreendermos a complexa sociedade contemporânea e a ação política desenvolvida em múltiplos contextos sociais. Editora AnnaBulme.



Diamantino, cabra bão! A saúde, na aparência, é boa também, sinal que terá vida longa, muito mais além dos cem. Trata bem do coração; seu olhar apaixonado e sem qualquer apreensão, rodeado de pessoas, todas elas, cheias de grande admiração. Seus livros, para quem quiser, se pudesse, ele daria, mas o jeito é procurar numa boa livraria. Sorridente este anfitrião, conversamos sem cessar, lembranças boas que tem de onde pôde estudar o ginásio e tanta reza, futebol, ping pong e a piscina, em que aprendeu a nadar. Sem reservas, gostou muito do contato com essa turma; na festa agora de agosto, diz que vai aparecer. Tem motivos, sonhos e rostos, que não consegue esquecer. Mês de seu aniversário, podemos lá festejar com churrasco e cantoria, ele pode até chorar. Memória que registrou experiência marcante; sua vida no Ibaté transformou-o em diamante.

Antônio C. Correa (Careca - 64-67)



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

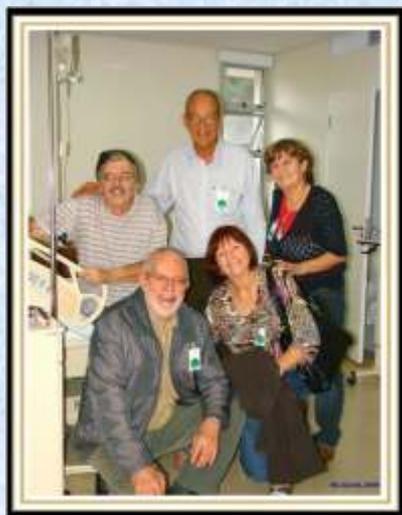
Tel: (11) 3115-2733

AMIZADE PARTICULAR

(Dez anos sem o amigo Beta)
“Dimidium animae meae”



Letterio Santoro *



Na noite de 03.07.2019, recebi uma ordem-convite do bom companheiro Wilson Mosca, líder maior da Turma do Ibaté, para escrever um texto sobre os dez anos sem o meu particular amigo Gilberto Cianfloni Lucarts. Atendo à solicitação dele já no dia seguinte. E lembrei-me de haver escrito em 25.07.2009 uma “Memória sobre um particular amigo”, publicada em jornal de Garça e também no boletim Echus do Ibaté nº 104, pág. 8. Recomendo a todos os colegas ibateanos leiam pela internet essa “Memória”, pois ela lhes dará uma ideia de nossa amizade.

Proponho-me agora então preparar um texto sobre a Amizade particular com o Beta, como era carinhosamente conhecido entre nós, nas várias etapas de nossas vidas: dos últimos dias da agitada infância nos idos de 1954 até os primeiros anos da tranquila velhice, quando Deus o levou para si.

Conhecemo-nos, o Gilberto e eu, em 1954, nas dependências do Seminário Menor de Aparecida, conhecido como Casa de Nossa Senhora, quando eu tinha catorze anos e ele treze. Éramos colegas de séries diferentes. Participávamos das mesmas atividades lúdicas, de estudo, de esporte, de piedade, próprias daquele fim de nossa infância. Sempre sob a proteção maternal de N.S. Aparecida, de cuja Basílica nova presenciamos o lançamento da pedra fundamental.

Separados em 1955, encontramos-nos de novo em 1956, quando ele foi para o Seminário Menor do Imaculado Coração de Maria, em São Roque onde realmente começou nossa amizade. O Gilberto era uma menino alegre, aplicado, de confiança, responsável, a ponto de exercer, depois de algum tempo, a função de Enfermeiro. Nessa função acabou por conhecer todo mundo e aprendeu a lidar com todo tipo de pessoa.

Talvez tenha sido durante a Gripe Asiática, em 1957, nossa maior aproximação em virtude dos colegas adoecidos. Mas era durante as férias que nossa amizade se manifestava mais fortemente. Era então que íamos ao Museu do Ipiranga e ao Monumento, sobre cujos leões de pedra tirávamos fotografias, guardadas como relíquias até hoje. Era então que passeávamos com outros colegas em viagem de trem até o Pico do Jaraguá, em cujo alto cimo tomávamos o lanche preparado por nossas mães. Era então que nos visitávamos reciprocamente em nossas famílias; que frequentávamos o cinema para assistir a filmes permitidos, ou o Teatro Municipal para ver espetáculos gratuitos. A morte do jovem José Benedito nos aproximou de sua família e com o Carmo nas férias fomos ao cemitério orar pelo descanso de sua alma.

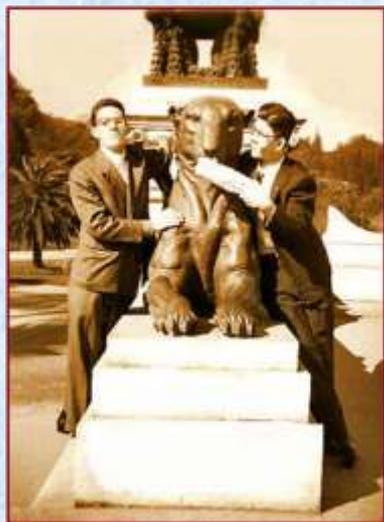
Era então também, isto é, nas férias, que resolvíamos de repente voltar alguns dias mais cedo para o Seminário do Ibaté, mortos de saudade do silêncio e da natureza maravilhosa. Inesquecíveis essas viagens de volta antes que os outros! O ano de 1960 nos separou como da outra vez, só que em sentido inverso: ele continuou em São Roque e eu fui de novo para Aparecida. Mas a estreita amizade particular exigiu de nós um intercâmbio epistolar a nos trazer semanalmente a alegria de muitas cartas. Chegavam a ser quase infantis essas cartas que falavam de tudo e de todos; mas elas consolidaram nossa amizade.

No ano seguinte, o bom amigo Beta retorna ao Colegião para a Filosofia, e então acha este seu amigo mudado: não em relação à amizade, mas em relação à educação recebida em São Roque. Vivíamos já num ambiente pluralista, de mais liberdade de pensamento. Mas continuamos e aprofundamos nossa amizade, orando juntos, à noite, o terço; fumando juntos o cigarrinho



contestador. Depois de um ano e meio de novas ideias, de novas afirmações, eu me fui para o Pio Brasileiro de Roma e o Gilberto decidiu deixar o caminho do sacerdócio. Também então continuamos, em ritmo menor, o intercâmbio epistolar. Pena que nem ele nem eu guardamos essas cartas cheias de nossos anseios de juventude. Até que chegou também a minha vez de deixar a Torre de Marfim e voltar para o mundo.

E quem foi o Anjo da guarda, enviado por Deus para me ajudar a caminhar no mundo? Esse Anjo chamava-se Gilberto Cianflone Lucarts que me acolheu com amizade, com alegria, até com alguma experiência. Que tempos, meu Deus, aqueles do segundo semestre de 1964! Tempos de Cursinho, de primeiro emprego no Banco, de almoço no restaurante central do Sesi, de primeiras namoradas. Inesquecíveis tempos! E ele ali, sempre a meu lado. Foi com ele, na casa do Mecelis, que dei os primeiros passos na dança. Tempos de sonho, de liberdade, de grandes emoções. Eu fui vendo a evolução dele, e ele testemunhando a minha evolução. Ele foi para o Direito. Eu fui para a Pedagogia. Que papos intermináveis mantínhamos a ouvir disco de rock e música de Beethoven!



Cada qual se casou. Fui seu padrinho de casamento. Vieram meus filhos. Veio o dele. Ele seguiu a carreira no Banco. Eu fui buscando o meu caminho. Mas éramos então como irmãos. Nosso assunto inevitável em todas as conversas eram episódios e personagens do Seminário. Seminário, especialmente o do Ibaté, era uma espécie de paraíso perdido de que sentíamos uma saudade imensa!

Um dia, porém, decidimos em família vir para Garça, e fomos obrigados a nos separar do velho amigo Beta e sua família. Fui para outro mundo, separado de um passado enorme e comum. Era ele que me ligava de quando em quando por telefone, e relembávamos, com alegria, de tantos fatos, além de falar um pouco do presente. Convidava-o a visitar-nos aqui em Garça, mas nunca consegui convencê-lo. O tempo passou.

De repente, até com a participação dele, brotou a ideia dos Encontros bienais que de 1993 em diante são um momento de deslumbramento dos ex-seminaristas do Ibaté. Nos dois primeiros Encontros, foi ele que me levou no seu carro até o Seminário. Em outros fui com minha esposa Judite. Mas ele era também a alma das reuniões da primeira sexta-feira de que nunca pude participar pela distância. Porque ele, meu amigo Gilberto, era um homem de alegria. Gostava de companhia.

Até que, cientes de sua doença, dez anos atrás, meu outro amigo e irmão José Moreira e eu decidimos visitá-lo no Hospital no dia de aniversário do Beta: 9 de Julho. Aquele grupo de companheiros em torno ao leito do Gilberto, assistido pela esposa Cira - o Antônio Carlos (Careca), o José Moreira, minha esposa Judite e eu - naquele dia, naquela hora, representávamos com certeza todas as gerações de alunos do Seminário, de 1949 a 1973, a cantar, em “bocca chiusa”, naquele quarto de dor, os parabéns para o meu, o nosso amigo particular Gilberto Lucarts. O Careca imortalizou a cena com uma foto histórica, talvez a última foto de nosso amigo comum a sorrir pela última vez conosco. No dia 25 de julho de 2009 o Beta entregou o espírito a Deus. Vivas in Deo!

LETTERIO SANTORO, 79, (Tibúrcio) 55/59 – É pedagogo, professor, escritor e poeta. - Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça) - 14-3471.1934 - letterios@hotmail.com



VILA DON PATTO

NATUREZA, LAZER & GASTRONOMIA

Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001

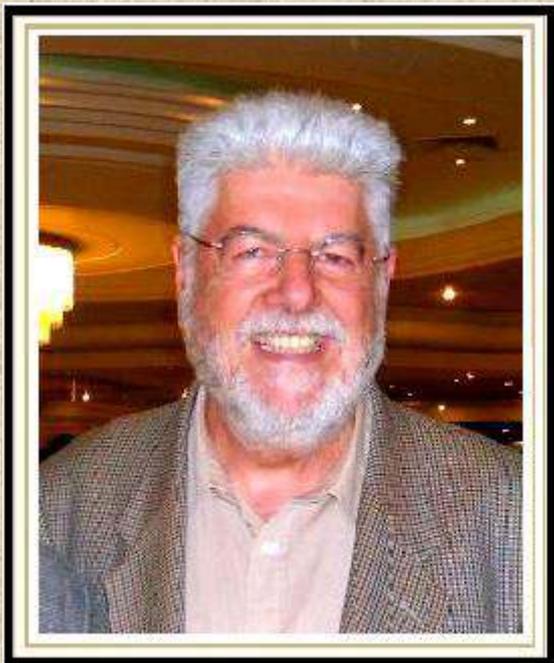
www.viladonpatto.com.br

Uma carta para Walter



Meu amigo, eu preferiria, meu caro, chamá-lo de Walter.

Quando você me disse que o chamam de Barelli... eles, como Mosca, Toschi, Justo e outros que conviveram com você nas "selvas" de São Roque, aprendendo táticas das guerrilhas cristãs para vencer o mundo... Lembra que nos encontramos no Memorial pela primeira vez e você me disse "vem lá trabalhar comigo; lá estão seus amigos, o Barizon, o Atílio, o Zequinha... e há trabalho para você!" Lembra disso??? Lá fomos nós aprender a ser bons servidores públicos, promovendo parcerias entre empresários, trabalhadores e o poder público.



Foi assim que conseguimos implantar o BANCO DO POVO em 130 municípios do Estado. Você mesmo dizia: "O Banco transforma o pobre em empreendedor".

E o Programa de Qualificação do Trabalhador? Em cinco anos, você entregou certificados a mais de 3 milhões de trabalhadores, qualificando-os para empregos demandados pelos municípios e sindicatos!

Há tantas ações a lembrar, e bem no momento em que o país ouve o lamento de milhões de desempregados!!! Trabalho, você nos dizia, "é problema do Estado. Para nós da Secretaria, o foco é a criação de mais empregos, trabalhadores qualificados e empreendedores. Na Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho, as relações são a técnica mais importante".

Confesso, Walter, que era bom sonhar junto com você os mesmos sonhos de construir um país melhor, com um povo vivendo de um trabalho digno, bem remunerado, qualificado e feliz. Nós sentíamos que você estava vivendo o desejo de ser o que os Mestres do Ibaté nos ensinavam: *Ad altiora nati sumus*

(para coisas mais altas nós nascemos)

Há tempos queria eu encaminhar esta carta pelo correio, mas a entrego a você agora, momento em que inicia a derradeira viagem ao encontro do Criador, que reserva para você, grande trabalhador, o prêmio do descanso eterno...

Meu caro amigo, você combateu o bom combate... agora que todas as barreiras caíram por terra e você possui a felicidade eterna e o Infinito... A nós caberá apenas, por enquanto, alcançar as alturas do Morro do Saboó... Você Será sempre o nosso campeão!!!

Pelos amigos saudosos e gratos,
Max Boschi

MAXIMINO ANTÔNIO BOSCHI (Zé do Pito), 79 – Estudou no Seminário de S.Carlos e Ipiranga. É professor aposentado da Fundação Cásper Líbero. Exerceu o sacerdócio no período de 1964 a 1974. maxboxchi2000@yahoo.com.br 11-99607.4079

Toda a vida não é mais que uma união. Uma união de pedras é edifício: uma união de tábuas é navio: uma união de homens é exército. E sem esta união tudo perde o nome, e mais o ser. O edifício sem união, é ruína: o navio sem união, é naufrágio: o exército sem união, é despojo. Até o homem (cuja vida consiste na união da alma e corpo) com união é homem, sem união é cadáver. A maior obra da Sabedoria, e da Onipotência divina, que foi o composto infalível de Cristo, consistia em duas uniões: uma união entre o corpo e a alma, e outra união entre a humanidade e o Verbo. Quando perdeu a primeira união, deixou de ser homem; se perdera a segunda, deixava de ser Deus. Oh Deus! Oh homens! Que só a vossa união vos há de conservar, é só a vossa desunião vos pode perder. VIEIRA, Antonio. "Sermão do Santíssimo Sacramento", 1662



PHOTANTIQUA



LUIZ CONTIN
nosso motorista
(acervo José Moreira de Souza)

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 18.07.2109 o ibateano WALTER BARELLI (51/56). Iria completar 81 anos no dia 25.07.2019. Barelli era economista, formado pela USP-SP, professor universitário aposentado pela Unicamp. Foi diretor técnico do DIEESE, entre 1966 e 1990, ministro do Trabalho no governo Itamar Franco, de 8 de outubro de 1992 a 4 de abril de 1994, secretário do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo (SERT) de 1995 a 2002, nos governos de Mário Covas e Geraldo Alckmin e deputado federal pelo PSDB-SP (2003-2007). Foi professor do Departamento de Teoria Econômica, membro do CESIT (Centro de Economia Sindical e do Trabalho) da Unicamp e membro da CAE (Comissão de Assuntos Econômicos) da Mitra Arquidiocesana, Arquidiocese de São Paulo. Casado com a Lurdinha (já falecida) com quem teve três filhos: Suzana, Paulo e Pedro.



PARÓQUIA DAS TROVAS

Fez-me trôpego a velhice,
pouco enxergo e ouço mal,
num degrau da caduquice,
sou figura natural.

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Adeus, palavrinha triste
que persistir nunca deve;
prefiro quem sempre insiste
em só dizer até breve.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Todo jovem que se preza
defende os direitos seus
mas, aos pobres não despreza,
sempre que é temente a Deus!

Alfredo Barbieri (49/53)

Se o coração de quem ama
fosse capaz de compor
o eletrocardiograma
seria um hino de amor...

Meus tropeços não são trovas,
nem são trevas, nem trovão,
são-me travas que são provas
triviais de um oitentão!

A saúde em nossa vida,
quanta alegria nos traz,
mas se uma vez for perdida,
quanta falta ela nos faz!

Celebrar nove de julho
é ter alma de paulista
que lutou com muito orgulho
pela Pátria legalista!

Ver a madeira aparada,
aos montes, pelos caminhos,
é ver túmulos na estrada...
De florestas e de ninhos.

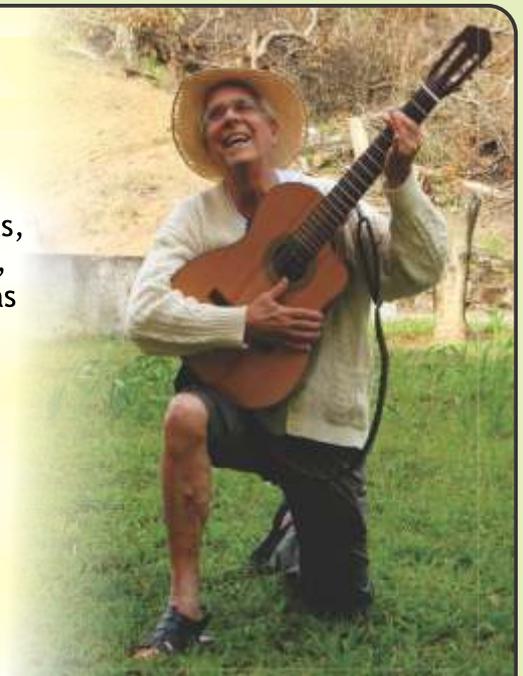
Jaime Pina da Silveira
Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre, MG - Padres Pavonianos

Eu não fecho a minha porta
para o filho que é culpado;
a flecha não voa torta,
é o arco que atira errado.

Para mantê-los, me empenho,
porque penso sempre assim:
-tendo os amigos que tenho,
Eu nem preciso de mim!

Izo Goldman - "Magnífico Trovador"
Convidado especial - Coadjutor na Paróquia

Envie-nos você também a sua trova



FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



**É assim lá na Chácara do Rovirso & Oksana:
alegria total & música & futebol & churrasco
23.08.2008 - Itatiba-SP**

Acácio Fecho, o Zezo (63-69) - Gilberto Gomes, o Tiguelis (62-66) - Ademar Valdevino da Silva, o Patão (71-73) - José Francimar Ramos (60-63) - Lourenço Medeiros Fernandes, o Perereca (1949) - Wilson Mosca (55-57) - Donizete Aparecido Martins, o Feijão (70-73) - Luiz Roberto Soares, o Araçá (64-69) - Jair Francisco dos Santos (70-73) - Antônio Correa, o Careca (64-67) - Luiz Carlos Macedo (62-64) e vários amigos e familiares, num total de 21 juízes.

Para-choque do Caminhão do Ubaté

**Quando eu morrer,
muita farra,
muita reza e forró:
quero meu pó
bem lá no alto do Saboó!**



CASO EDIFICANTE



José Lui*

A palavra de Homem

Um dia, Nastridin ouviu alguém batendo em sua porta. Abriu e deparou com um seu vizinho de casa e que por sinal lhe era muito antipático, que lhe perguntou:

- Nastridin, você pode emprestar-me seu burro por um dia?

E ele:

- Sinto muito, amigo meu, poderia emprestar-lhe com muito prazer, mas exatamente hoje acabei de empresta-lo para outra pessoa.

Não tinha ainda acabado de falar e eis que o burro começou a relinchar no estábulo.

Daí o vizinho:

- Estou perplexo Nastridin, estou ouvindo o seu burro relinchar!

E Nastridin:

- Pelo contrario, perplexo estou eu e até um pouco ofendido. Afinal em quem você acredita mais, num burro que relincha ou na palavra de um distinto senhor?

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 22.07.2019	
POSIÇÃO EM 31.05.2019	21.758,31
ENTRADAS	
Contribuições e doações	7.028,55
Inscrições XIV Encontro	2.472,00
Juros	154,04
TOTAL ENTRADAS	9.654,59
SAÍDAS	
Diagramação Echus 161	710,00
Despesas Correios	37,90
Antecipação Seminário	300,00
Tok de Ouro-Etiquetas	50,00
Giga-Açúcar	33,80
Zaffari-Café/Trigo	198,40
Assai-Cerveja	1.100,85
Corôa de Flores-Barelli	350,00
Despesas Bancárias	77,15
TOTAL SAÍDAS	2.858,10
SALDO ATUAL 22.07.2019	28.554,80
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.06.2019 a 22.07.2019, dos seguintes colegas: Adalberto Casemiro, Antonio Carlos Marques, Antonio de Lima, Antonio José de Almeida, Antonio Martini, Antonio Millan, Attilio Brunacci, David de Moraes, Domingos Sávio Amstalden, Enio Tomazini, Geraldo José Melo Fernandes, Horácio José de Sousa, João Aguiar, Joaquim Benedicto de Oliveira, José Albino Neto, José Carlos Bannwart, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Eustáquio da Costa, José Lui, José Ricardo Falcão, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz Monteiro, Luiz Roberto Soares, Marcio Pereira da Silva, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Valter Cruz, Vicente de Paulo Moraes e Viriato Trancoso. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antônio Carlos Correa-Careca, Antonio Joaquim Andrietta (in memoriam), Antonio Jurandy Amadi, Édson Depólito, Jaime Pina da Silveira, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Maximino Antônio Boschi, Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi e Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antonio Carlos

Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echusdoibate@gmail.com

"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

Comunidade IBATEANOS no Facebook

Echus do Ibaté nas nuvens: [links http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate](http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate)

Diagramação: Conexão Propaganda

